

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: NARRATIVAS EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS, REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E FORMAÇÃO

Daniele Achilles¹, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil,
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3648-7282>, Brasil, e-mail: daniele.achilles@unirio.br

Eixo: Tendencias en la Formación y Educación en Ciencias de la Información (Bibliotecología, Documentación, Archivística y Patrimonio)

1 Introdução

As bibliotecas públicas desempenham um papel essencial na preservação e promoção da cultura e na manutenção da memória coletiva de uma sociedade. Desse modo, trabalhar com narrativas e reconhecer suas potencialidades enquanto ferramentas valiosas para o registro e compartilhamento das experiências e vivências das comunidades, contribui para a constatação das diferenças que compõem as identidades sociais. Essa pesquisa é resultado parcial do Projeto de Extensão “Comunidade de Práticas em Bibliotecas Públicas: trajetórias teórico-práticas para a construção das narrativas históricas, identitárias e de memória das bibliotecas populares junto às comunidades do Município de Niterói-RJ”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Busca fortalecer a relação entre as bibliotecas e comunidades, promovendo a valorização das histórias locais, fomentando a construção de narrativas que reforcem a identidade coletiva junto às instituições.

Nos últimos anos, o desenvolvimento de projetos de pesquisa-extensionista tem crescido no Brasil, especialmente aqueles que incentivam a coleta de dados junto às comunidades em situação de vulnerabilidade social. A utilização da história oral aplicada tem se mostrado uma estratégia eficaz para afirmar o *ethos* comunitário por meio das narrativas de memória, revelando elementos e aspectos que

estão presentes nos vínculos entre as instituições e as comunidades atendidas.

Essa abordagem permite uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais, culturais e identitárias, contribuindo para o fortalecimento do senso de pertencimento e valorização das experiências locais para a construção de identidades. Contudo, a aplicação da história oral aplicada enfrenta desafios (a escassez de recursos, a necessidade de capacitação especializada, resistência de alguns grupos em compartilhar suas histórias, experiências e vivências, por exemplo). Fatores influem na realização de entrevistas e coleta de narrativas, exigindo estratégias e metodologias específicas para superar tais barreiras.

O problema que orienta a pesquisa é: *Como são elaboradas formações com vistas nas trajetórias metodológicas que fundamentam o percurso teórico-prático na construção de narrativas históricas, identitárias e de memória das bibliotecas populares do município de Niterói-RJ?* Essa reflexão suscita uma questão secundária: qual é a importância das narrativas de memória na atualidade, especialmente no contexto das bibliotecas públicas?

O objetivo geral é apresentar um ensaio acadêmico com reflexões teórico-metodológicas sobre informação e narrativas em bibliotecas públicas, destacando a importância de processos formativos, com o Protocolo Comunidade de Práticas em Bibliotecas Públicas (COPB). Os objetivos

específicos são: discutir o conceito de memória e experiência; refletir sobre os sentidos da narração em Benjamin e Han; articular argumentos teóricos-metodológicos unindo os procedimentos técnicos utilizados na pesquisa-extensionista.

A pesquisa se justifica por trabalhar componentes que alinham informação, memória, narrativa, analisadas pelo Protocolo COPB, considerando a história oral aplicada às práticas informacionais. Esse movimento teórico fortalece a interação dialógica entre o campo da Memória Social e da Ciência da Informação.

2 Referencial Teórico

A presente pesquisa extensionista tem como foco maior investigar de que maneira os registros das experiências e vivências, por meio da aplicação do Protocolo Comunidade de Práticas em Bibliotecas Públicas (COPB) – História Oral Aplicada, podem promover novas formas de compreensão, formação e posicionamento das bibliotecas públicas.

Foi necessário também desenvolver uma Política de Memória para as bibliotecas. O modelo teórico-metodológico desenvolvido com base no conceito de Comunidade de Práticas de Wenger (2002; 2010); Snyder, Wenger e Sousa Briggs (2003); Wenger, McDermott e Snyder (2002). O conceito de COP, aliado à perspectiva das práticas informacionais, destacam-se: Savolainen (1995), Cox (2008), Isah (2012), Harlan (2012), Gandra (2017) e Tanus, Berti e Rocha (2022). Dessa forma, o referido texto aborda a fundamentação teórica, a metodologia; os elementos que compõem as reflexões teórico-metodológicas e as considerações possíveis decorrentes do estudo.

A fundamentação teórica estrutura-se nas seguintes concepções: a) a Memória como campo transdisciplinar e como fenômeno social; b) a Memória em seu sentido produtivo; c) a Memória como experiências, vivências e criação de si; d) a Memória como história oral. Para alicerçar as discussões e reflexões foi necessário utilizar essas quatro marcações que delimitam um dos recortes presentes no

aporte teórico da pesquisa extensionista como um todo. O quadro teórico apresenta as perspectivas sobre a memória de Jô Gondar (2005); Gilles Deleuze (1997; 1999; 2006); Melo (2015); Deleuze e Guattari (2010); as perspectivas sobre narração expostas na obra de Walter Benjamin (2012) e Byung-Chul Han (2023); as indicações sobre história oral aplicada enfatizada por Meihy e Seawright (2021).

O enquadramento teórico orienta o projeto e, com isso, é importante destacar que a Memória Social, enquanto campo de estudos, é transdisciplinar por excelência, conforme defende Gondar (2005, pp. 11):

A memória é um campo de estudos multidisciplinar, visto que produz diversos entrecruzamentos dialogando com outros campos do conhecimento. Compreender a importância da Memória Social [na atualidade] exige atenção especial aos diferentes modos de abordá-la, e, isso envolve o manejo teórico, político e ético.

De acordo com Gondar (2005), esse manejo teórico, político e ético se manifesta tanto no significado atribuído às narrativas de memória quanto na maneira de tratá-las e selecioná-las. A autora também nos ensina que a memória está intrinsecamente relacionada ao par lembrança e esquecimento; ou seja, toda seleção de memórias implica, inevitavelmente, esquecimento. O campo da Memória Social ao qual nos referimos aqui é visto como um território dinâmico, cujas fronteiras são marcadas por diversidades e que acolhem uma multiplicidade de definições (Gondar, 2005, pp. 11). Além disso...

O campo da Memória Social é polissêmico e pode ser compreendido a partir de duas vertentes: de uma lado, podemos admitir que a memória se comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos. Tantos signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto signos icônicos (imagens desenhadas e esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas temporais, por exemplo), podem servir de suporte para

a construção de uma memória (Gondar, 2005, pp. 12).

Nesse sentido, a polissemia da memória é como um terreno incerto, segundo a autora, onde há controvérsias. Assim, para trabalhar com formação e narrativas de memória é necessário, cuidadosamente, refletir sobre o posicionamento ético-político, visando garantir a afirmação de diferentes vozes.

Mas, como podemos compreender isso nos processos de coleta de memórias por meio do método de história oral aplicada, especialmente no contexto de bibliotecas públicas?

Esse questionamento orienta a importância de revelar os registros que ressignificam as experiências e vivências das pessoas que utilizam as seis bibliotecas populares. No contexto de seleção de memórias, Gondar (2005, pp. 18) afirma que a memória é uma construção, o que reforça a ideia de que ela não representa uma simples reconstrução do passado, mas uma elaboração contínua, sempre influenciada por novidades e perspectivas que tornam a memória um processo produtivo, conforme nos ensinou Michel Foucault. Essa abordagem também está relacionada à forma como os indivíduos constroem suas relações subjetivas e intersubjetivas, seus laços e práticas sociais, evidenciando a memória como um fenômeno dinâmico e socialmente situado.

A abordagem teórica proposta, que abrange a memória com experiência e destaca uma via benjaminiana de entendimento. O teórico nos adverte que a memória, individual ou coletiva advém das experiências e vivências singulares ou plurais, afinal elas encontram-se imbricadas aos processos e dinâmicas de organização social. Benjamin (2012) articulava, em seus fragmentos, o passado, o presente e o futuro, ele propôs uma teoria crítica por via de fragmentos, que juntamente com outros formam mosaicos sempre inacabados (imagens de memória). Essa é a forma recuperada para pensar nos registros de memória e das narrativas das pessoas em contato com as 06 bibliotecas populares de Niterói (RJ), utilizando o método de história oral aplicada como procedimento.

Para Gilles Deleuze (2006), a memória é uma força que retarda o caos da matéria e sempre faz emergir algo novo, assim, a memória na perspectiva deleuziana se coloca como uma condição para o processo de criação. Com base nisso, Achilles e Gondar (2016, pp. 181) afirmam:

O caráter fragmentário e aberto [da obra de Benjamin] nos obriga a realizar determinadas escolhas para extrair análises sobre as questões relativas ao lembrar e ao esquecer que constituem a memória, bem como o conceito de experiência. Por isso, optamos por trabalhar com fragmentos que possam nos servir de base teórica para configurar a memória enquanto experiência. Dito isto, escolhemos alguns fragmentos como 'coleção', por exemplo, que nos conduz ao conceito de 'experiência' e, consequentemente ao conceito de 'informação'. Esses mosaicos compostos por fragmentos, ruínas, cacos carregam um caráter surrealista em sua escrita e em sua disposição (organização).

Arriscamos-nos a afirmar que toda coleção composta por fragmentos, ruínas, vestígios ou cacos diversos carrega um sentido próprio, configurando um mosaico que expressa significados muitas vezes invisíveis à primeira vista. A cada fragmento de memória que se revela, abre-se a possibilidade de novas leituras, imagens, representações e compreensões, sempre parciais e em constante transformação.

Ou melhor: a cada narrativa de memória revelada pela história oral, fragmentos subjetivos e intersubjetivos são retirados do esquecimento, dando foco a novas imagens, como nos ensina Deleuze. Assim, as experiências e as vivências de cada narrador de suas memórias, bem como daqueles que registram as memórias deles encontram-se presentes na construção das memórias coletivas que definem e redefinem o sentido da biblioteca pública para as pessoas.

Byung-Chul Han, em sua obra *A crise da narração*, publicada em português em 2023, apresenta uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea, apontando a perda progressiva da capacidade de criar e, até

mesmo, de apreciar narrativas significativas. Retomando as teorias de Walter Benjamin, Han amplia o debate ao articular os impactos desse fenômeno nas esferas da cultura, da política e da tecnologia, convidando-nos a refletir sobre a possibilidade de vivermos em uma era pós-narrativa. A inserção de Han (2023) nesta pesquisa extensionista tem como propósito provocar questionamentos sobre as formas de narração a que nos referimos — e que, cotidianamente, estamos construindo — dentro e sobre as bibliotecas públicas. Que narrativas, capazes de evocar memórias, desejamos fortalecer nesses espaços? E quais formas de narração ainda fazem sentido ou podem ser reinventadas no contexto das bibliotecas públicas?

Segundo Han (2023), as narrações criam uma comunidade. Na atualidade, são muitas vezes expressadas como informações pontuais e instantâneas, como os *storytelling*. Han (2023, pp. 13) aponta:

As narrações criam uma comunidade. O *storytelling*, por sua vez, só cria uma comunidade na forma de mercadoria. A *Community* é formada por consumidores. Nenhum *storytelling* seria capaz de reacender a fogueira em torno da qual as pessoas se reúnem e narram histórias umas às outras. A fogueira já foi extinta faz tempo. Ela está sendo substituída pela tela digital que isola as pessoas na forma de consumidores. Consumidores são solitários. Não formam uma comunidade. Os *stories* das plataformas sociais não são capazes de eliminar o vácuo narrativo. Eles nada mais são do que autopromoções pornográficas ou anúncios. Postar, curtir e compartilhar como prática consumista intensificam a crise da narrativa.

[...]

Através do *storytelling*, o capitalismo se apropria da narração. Ela a submete ao consumo. O *Storytelling* produz narrações na forma de consumo. Com sua ajuda, os produtos ficam carregados de emoções. Eles prometem vivências especiais. E assim que compramos, vendemos e consumimos narrativas e emoções. *Story sell. Storytelling é Storytelling.*

Narramos o quê? Para quem? Que narrativas compramos? Que narrativas vendemos? Quem lucra com isso enquanto o sujeito padece em meio a vazios?

Han (2023) deixa claro que a narração e informação são forças opostas. Desse modo, ser e informação também são vistos como categorias excludentes.

[...] Assim, é inerente à sociedade da informação uma carência de ser, um esquecimento do ser. A informação é aditiva e cumulativa. Ela não é portadora de sentido, enquanto a narração, por sua vez, transporta o sentido. Originariamente, sentido significa direção. **Estamos, hoje, portanto, muito bem-informados, mas desorientados** (grifo nosso). Além disso, a informação fragmenta o tempo em uma simples sequência do presente. A narração, por outro lado, produz um contínuo temporal, ou seja, a história.

[...]

Histórias conectam as pessoas umas com as outras, na medida em que fomentam a capacidade de empatia. Elas criam comunidades.

Bibliotecas públicas são espaços de sociabilidade, de construção de histórias, narrativas e memórias. Han (2023, pp. 17) ao se referir a narração através da perspectiva de Walter Benjamin, afirma: “o olhar longo, lento e demorado se perdeu”. Aí reside a crítica: somos uma sociedade que estamos nos tornando incapazes de criar e apreciar narrativas significativas. Segundo Benjamin a narração não se esgota em si mesma, como a informação, afinal a temporalidade entra nesse meio. A aceleração do tempo, em virtude do modo de produção e do sistema econômico vai transformando a construção dos modos de existência (de lembrar, de narrar, de informar e de esquecer). Enquanto a narração é formadora de comunidade, a informação, e, mais tarde, o *storytelling* geral a solidão e o isolamento social. Segundo Han (2023, pp. 25):

Narrar e escutar atentamente histórias se condicionam mutuamente. A comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos. Uma atenção especial é inerente à escuta cuidadosa. Quem escuta atentamente, esquece de si mesmo e se afunda naquilo

que escuta: ‘quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Estamos perdendo cada vez mais o dom da escuta. Nós nos produzimos, ouvimos secretamente, em vez de nos entregarmos à escuta atenta.

[...]

A sociedade da informação está dando início a uma época de alta *tensão espiritual*, pois o estímulo da surpresa é a essência da informação. O tsunami de informações garante que nossos órgãos de percepção estejam permanentemente estimulados. Eles não são mais capazes de passar para um modo contemplativo. O tsunami de informações fragmenta a atenção. Ele impede o demorar-se contemplativo que é constitutivo do ato de narrar e escutar.

Han (2023) vai além: afirma que a realidade passou a ser modulada pelas informações e dados, não é à toa que presencialmente o uso da inteligência artificial por todas as partes e um *boom* de tendências, onde já se fala em novos termos, como bibliotecário de dados, por exemplo. A informatização, a digitalização da vida conduzem um definhecimento das experiências e vivências. Se no século passado, Benjamin apontava para uma nova forma de ser centrado na informação. Han (2023) admite que essa nova forma de ser também é uma forma de dominação. A informação como dominação, o neoliberalismo como uma configuração política e econômica que estabelece os meandros dos regimes de informação e o modo *smart* de ser, de existir imperando sobre nossos corpos e mentes.

Santos, Gregório e Rosa (2021), no artigo intitulado “A solidão na contemporaneidade: uma reflexão sobre as relações sociais”, discutem aspectos relacionados aos afetos na sociedade contemporânea, destacando a solidão como sintoma social. O ensaio crítico realizado de forma não convencional realiza articulações entre afeto, solidão, manifestações sociais, consumismo, individualismo, vida virtual e solidão positiva. Os autores enfatizam:

num contexto social que reforça a autonomia individual e incentiva o consumismo exagerado em busca da satisfação imediata, pode-se perceber uma tendência à dissolução de certezas, na medida em que crenças e valores são colocados em dúvida, e frequentemente o indivíduo se questiona sobre aquilo em que acredita. Nesse mesmo sentido, há um caminhar em direção à relativização da ética, que tem como preceito delimitar racionalmente “os direitos da sociedade contra o indivíduo, os direitos do indivíduo contra a sociedade, e os dos indivíduos uns contra os outros” (Freud, 2006, p. 78 apud Santos, Gregório, Rosa, 2021, pp.1).

O condicionamento do comportamento humano foi explicado por Freud, em 1930, na obra “O mal-estar da civilização”. Freud analisou o conflito entre os desejos individuais e as exigências da vida em sociedade. O autor parte do princípio de que os seres humanos buscam, por natureza, o prazer e a satisfação de seus impulsos, mas essa busca entra inevitavelmente em choque com as regras e restrições impostas pela civilização. Santos, Gregório e Rosa (2021, pp.1) indicam...

A esse sentimento de ser insuficiente, o sociólogo francês Alain Ehrenberg deu o nome de vergonha. Podemos depreender desse quadro descrito que as pessoas experimentam uma contínua sensação de desamparo, mediada pela relação que se faz entre expectativas e frustrações, sensação de vazio, de incompletude, falta de suporte, estabilidade e segurança emocional.

“Solidão. Solidão, nada mais que um vagar na incerteza do insólito da existência humana. Solidão. Simplesmente solidão” (Angerami-Camon, 1990, pp. 2). A solidão como ausência do outro que vem ganhando cada vez mais espaço portando-se como um fenômeno crescente relacionado com a sensação de desamparo, vazio e isolamento social, conforme marcam Santos, Gregório e Rosa (2021).

O fenômeno da solidão na contemporaneidade, como discutido por Santos, Gregório e Rosa (2021), revela-se não

apenas como uma condição individual, mas como um sintoma social profundamente relacionado às estruturas e exigências da sociedade atual. O incentivo ao individualismo, à autonomia exacerbada e ao consumismo como promessa de satisfação imediata contribui para a fragmentação dos vínculos sociais e para o enfraquecimento dos espaços coletivos de convivência e pertencimento.

Essa dissolução de certezas e a relativização de valores éticos e sociais, apontadas pelos autores, associam-se ao que Freud (1930) descreveu como o mal-estar na civilização: o inevitável conflito entre os desejos individuais e as imposições sociais que regulam o convívio coletivo. Nesse contexto, a solidão não é apenas um estado emocional, mas consequência direta do esvaziamento dos espaços públicos que tradicionalmente serviam como mediadores entre o indivíduo e a sociedade.

É justamente nesse cenário de desamparo, vazio e sensação de isolamento que a **biblioteca pública emerge como um espaço de resistência e reconstrução do senso de pertencimento (grifo nosso)**. Longe de ser apenas um local de acesso à informação, a biblioteca pública funciona como um espaço de sociabilidade onde as pessoas podem se reconhecer como parte de algo maior, como pertencentes a uma comunidade.

Ao promover encontros, acesso à cultura, espaços de diálogo e acolhimento, a biblioteca pública se configura como um refúgio contra o individualismo e o isolamento. Nela, o sujeito encontra a possibilidade de romper com o sentimento de invisibilidade e vazio social, construindo vínculos, trocando experiências e, sobretudo, sendo reconhecido como alguém que pertence, que existe para além das lógicas do consumo e do isolamento digital.

Portanto, diante do mal-estar e da solidão contemporânea, a biblioteca pública representa um espaço concreto de afetividade, suporte social e construção de identidade coletiva, por via de movimentos, ações e atividades que tem como foco a construção e acesso às memórias, preenchendo lacunas deixadas por uma sociedade que

frequentemente fragiliza os vínculos humanos em nome da autonomia e do consumo.

Diante do cenário contemporâneo de solidão e fragmentação dos vínculos sociais, tornou-se fundamental o resgate e a valorização das memórias coletivas que conferem sentido aos espaços de convivência e pertencimento, como a biblioteca pública. Nesse processo, o método de história oral emerge como ferramenta essencial para acessar, registrar e dar visibilidade às narrativas individuais e comunitárias, muitas vezes dispersas ou silenciadas pelo esvaziamento das relações sociais e pela precarização dos espaços públicos.

A história oral, ao privilegiar o relato direto dos sujeitos, permite reconstruir memórias comunitárias fragmentadas, revelando os sentidos e significados atribuídos à biblioteca pública por aqueles que dela se apropriam ou, muitas vezes, a ela recorrem em busca de acolhimento, pertencimento e reconhecimento social. Por meio das narrativas coletadas, é possível compreender como as experiências vividas na biblioteca contribuem para a recomposição simbólica dos laços sociais e para o fortalecimento da identidade local, tonando-as lugar antropológico como alerta Silva, Achilles e Sabbag (2022).

Assim, em um contexto em que a solidão e o sentimento de desamparo se consolidam como sintomas sociais, a escuta qualificada e o registro das memórias dos sujeitos, proporcionados pela história oral, não apenas recuperam trajetórias pessoais e comunitárias, mas também revelam a potência da biblioteca pública como espaço de resistência, sociabilidade e construção coletiva de memórias. A aplicação dessa metodologia, portanto, se apresenta como estratégia concreta para compreender e valorizar a biblioteca enquanto território de afetos, encontros e pertencimento, em oposição à lógica do isolamento e da fragmentação social predominante.

3 Procedimentos Metodológico

Trata-se de uma pesquisa extensionista social de abordagem mista, com delineamento

exploratório, descritivo e qualitativo. Como procedimentos técnicos, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, a triangulação metodológica, a história oral aplicada, a abordagem de Comunidade de Práticas (CoP) e o modelo teórico-metodológico que integra Comunidade de Práticas e Práticas Informacionais, conforme proposto por Achilles e Rocha (2025).

A pesquisa bibliográfica adota o método de revisão sistemática da literatura, com o objetivo de garantir a atualização e a consistência dos aportes teóricos que fundamentam o estudo. A triangulação metodológica articula três dimensões fundamentais: história, teoria e prática, sendo aplicada de modo a aprofundar a compreensão do conceito e das práticas associadas à biblioteca pública, considerando o contexto sócio-histórico situacional, abordado a partir do levantamento de dados sociais, econômicos, demográficos, educacionais, culturais, políticos etc. do território no qual a biblioteca está localizada.

A história oral aplicada constitui-se como um dos principais procedimentos empíricos, sendo operacionalizada por meio de um roteiro voltado às entrevistas que são gravadas, cujas narrativas foram transcritas, decupadas e analisadas com base em critérios previamente definidos. Por fim, a articulação entre Comunidade de Práticas e Práticas Informacionais, conforme o modelo teórico-metodológico de Achilles e Rocha (2025), orienta os processos formativos investigados, contribuindo para a compreensão e o fortalecimento das práticas sociais e informacionais no contexto das bibliotecas públicas.

Figura 1 – Esquema imagético do modelo teórico-metodológico de práticas informacionais em comunidade de práticas em bibliotecas públicas



Fonte: Achilles; Rocha (2025).

Os processos formativos previstos na pesquisa são concebidos e planejados com

base no modelo teórico-metodológico adotado, sendo estruturados nas seguintes fases: investigação do contexto situacional; escutatório; planejamento e desenvolvimento da formação; realização da formação; conversatório e avaliação.

Entende-se por *escutatório* a etapa em que são identificadas e ouvidas as demandas, necessidades e expectativas da comunidade, fornecendo subsídios essenciais para o planejamento, o desenvolvimento e a execução da formação.

O *conversatório*, por sua vez, configura-se como o espaço de diálogo e devolutiva, no qual a comunidade participante compartilha percepções, experiências e sugestões após a conclusão da formação.

Por fim, a fase de *avaliação* é conduzida sob a perspectiva das práticas informacionais, buscando compreender os efeitos e as transformações promovidas pela formação no contexto social e informacional da comunidade envolvida.

4 Resultados Parciais

O trabalho com as narrativas, usando o método história oral aplicada começou a ser visto a partir da interação dialógica, da interdisciplinaridade, da interprofissionalidade, visando garantir a articulação entre o ensino, pesquisa e extensão, voltada ao impacto na formação de agentes envolvidos com as bibliotecas. Quando trabalhamos com história oral, estamos acessando histórias vivas, dotadas de complexidades, subjetividades, singularidades, movimento, fluidez e experiências vivenciadas, assim como silenciadas também, se considerarmos o contexto da colonização e suas heranças. Como afirmam Meihy e Seawright (2021, pp. 41). Ademais, por tratar de história viva:

[...] os projetos em história oral são mais vulneráveis porque padecem da necessidade de mudanças ou atualizações. Por isso, diferem dos projetos feitos com base em documentações escritas [...] Por remeter às pessoas vivas, dispostas a narrar suas percepções e experiências, é conveniente supor projetos que partam do pressuposto de fragilidades [...] As

possibilidades de surpresas distinguem os projetos que podem abrigar novidades fundamentadas na emergência de lances subjetivos, versões que merecem cuidados e que são motivos dos projetos de memória de expressão oral (Meihy e Seawright, 2021, pp. 41).

As indicações teórico-metodológicas nos colocam diante de diversas reflexões que podem ser pensadas à luz da Memória Social e da Ciência da Informação. A memória como experiência, desvela das histórias vivas, traz à tona informações, saberes e conhecimentos. O espaço das bibliotecas públicas próprios à sociabilidades funcionam como territórios seguros de pertencimento propícios a narração da memória individual e coletiva, que nunca foram registradas formalmente. Mas, qual a importância dessas histórias e memórias na atualidade?

Enquanto Han (2023) aponta criticamente para os *storytellings*, denunciando o esvaziamento da percepção e da própria existência provocado pela superficialidade e efemeridade dessas narrativas, a pesquisa aqui desenvolvida, ao articular informação e narrativa por meio do Protocolo COPB, propõe o caminho oposto: um fazer comunitário que contribui para preencher os vazios da existência e fortalecer os laços sociais.

Essa abordagem manifesta-se concretamente nas ações realizadas nas bibliotecas populares do município de Niterói (RJ), campo de aplicação da pesquisa. Por meio de 03 processos formativos voltados para as temáticas de história, memória e identidade em bibliotecas públicas, foram desenvolvidas atividades com os profissionais das seis bibliotecas participantes, possibilitando a aplicação prática do Protocolo COPB, estruturado nas seguintes etapas: investigação do contexto situacional, escutatório, planejamento, formação, conversatório e avaliação.

Os processos formativos tiveram como objetivo central compreender as percepções e significados atribuídos às bibliotecas públicas tanto pelos profissionais quanto pela comunidade. Os profissionais dedicaram um

ano e meio à realização de ações de mediação da informação junto às comunidades, promovendo a valorização das histórias de vida, das memórias individuais e coletivas e dos processos de construção da identidade. Essas ações, fundamentadas no respeito à pluralidade, contribuíram para o reconhecimento do pertencimento, tanto em sua dimensão individual quanto coletiva, no contexto dos espaços públicos, neste caso, das bibliotecas públicas.

Diante disso, as entrevistas, dotado de um roteiro, pensado cuidadosamente, constituíram-se como um dos principais procedimentos técnicos, voltadas para captar os sentidos e significados que as bibliotecas públicas representam para as pessoas. As narrativas coletadas serão socializadas por meio do canal do YouTube, na websérie *Memórias Comunitárias Fragmentadas*, contribuindo para dar visibilidade às memórias e às vivências da comunidade em torno desses espaços.

Dentre os resultados parciais da pesquisa, destacam-se os múltiplos sentidos e significados atribuídos pelas comunidades ao espaço das seis bibliotecas públicas envolvidas. As bibliotecas foram reconhecidas como: lugar de acolhimento, espaço de cura, ambiente de paz, ponto de encontro, espaço de acesso ao conhecimento, lugar de segurança, espaço para desintoxicação emocional, ambiente de troca, espaço de empoderamento, lugar para existir e espaço de atuação política, entre outros.

Essas e tantas outras representações evidenciam a pluralidade de significados que as bibliotecas públicas podem assumir na vida das pessoas, especialmente quando se consolidam como *terceiro lugar*, conforme o conceito de Oldenburg (1999), ou seja, como uma extensão da vida cotidiana e um espaço de convivência, pertencimento e construção social.

Conclui que a aplicação do método de história oral aplicada, aliada às práticas informacionais e às COP, cria nova abordagem teórico-metodológica, valorizando a diversidade e experiências, promovendo uma memória viva e sempre em construção. A pesquisa reforça a relevância no investimento

em formações específicas, com estratégias de sensibilização e cuidados metodológicos para garantir a sustentabilidade e o impacto dessas ações, fortalecendo o papel social das bibliotecas públicas na promoção da memória, identidade e cidadania.

5 Considerações Finais

Os resultados parciais da presente pesquisa-extensionista apontam para a relevância da biblioteca pública como espaço de resistência diante dos processos contemporâneos de fragmentação social, solidão e enfraquecimento dos vínculos comunitários. A partir da articulação teórico-metodológica entre o conceito de Comunidade de Práticas, as Práticas Informacionais e a História Oral Aplicada, foi possível constatar o potencial da biblioteca enquanto território de construção de memórias, afetos e pertencimento.

A investigação inicial, amparada pelo Protocolo Comunidade de Práticas em Bibliotecas Públicas (COPB), evidencia que, ao escutar as narrativas das pessoas que frequentam ou se relacionam com as seis bibliotecas populares de Niterói-RJ, emergem fragmentos de experiências e memórias que, ao serem registrados, revelam sentidos e significados invisíveis ou silenciados no cotidiano. Essas narrativas, coletadas a partir do método de história oral aplicada, não apenas acessam fragmentos do passado, mas também contribuem para a construção contínua e produtiva das identidades coletivas associadas a esses espaços.

Os vinte relatos coletados até o momento permitem observar que a biblioteca pública não se reduz a um local de acesso à informação, mas se configura como um espaço antropológico, de encontro, acolhimento, reconhecimento e pertencimento, especialmente em contextos marcados pela exclusão social, pelo individualismo e pelo isolamento. Em consonância com as críticas de Byung-Chul Han (2023) e Walter Benjamin (2012), a pesquisa demonstra que, enquanto a sociedade da informação e o consumo de narrativas superficiais reforçam o

distanciamento e o vazio existencial, as bibliotecas públicas, por meio da escuta atenta e da partilha de histórias significativas, oferecem alternativas concretas para a recomposição dos laços comunitários.

Do ponto de vista metodológico, os desafios enfrentados na aplicação da história oral aplicada, como as barreiras ao compartilhamento de memórias, a necessidade de qualificação dos pesquisadores e as limitações de recursos, também se mostraram elementos fundamentais para a reflexão crítica sobre o fazer extensionista e o compromisso ético-político que envolve o trabalho com memória, narrativa e identidade.

As evidências parciais sugerem que os processos formativos mediados pelo Protocolo COPB têm o potencial de fortalecer as práticas sociais e informacionais nas bibliotecas, ao promover espaços de escuta, de construção coletiva de conhecimentos e de valorização das histórias locais. Contudo, reconhece-se que tais processos são contínuos, exigindo tempo, sensibilidade, responsabilidade e um olhar atento para as complexidades que envolvem a memória como fenômeno dinâmico e politicamente situado.

Como considerações finais, destaca-se que, em um cenário de mal-estar civilizatório, conforme analisado por Freud (1930), e de solidão estruturada socialmente, conforme discutido por Santos, Gregório e Rosa (2021), a biblioteca pública se reafirma como espaço de enfrentamento desses sintomas sociais. Por meio das narrativas coletadas e ressignificadas com o suporte da história oral, é possível transformar as bibliotecas em territórios vivos de memória, afeto e pertencimento, rompendo com as lógicas do isolamento e da fragmentação, e contribuindo para o fortalecimento de comunidades mais coesas, críticas e conscientes de suas histórias e identidades, promovendo, assim, mudanças no *ethos* comunitário.

Por fim, o percurso teórico-prático desenvolvido até aqui reforça a necessidade de consolidar políticas de memória para as bibliotecas públicas, reconhecendo nelas não apenas o acesso à informação, mas o direito à memória, à escuta e à construção coletiva de

narrativas que humanizam e potencializam os sujeitos e os territórios aos quais pertencem, tornando as bibliotecas patrimônio comunitário.

6 Referências

Achilles, Daniele (2024). Comunidade de práticas em bibliotecas: programa de extensão. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Achilles, Daniele (2022). Comunidade de práticas em bibliotecas públicas: trajetórias teórico-práticas para a construção das narrativas históricas, identitárias e de memória das bibliotecas populares junto das comunidades do município de Niterói (rj): projeto de extensão. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Achilles, D., & Gondar, J. (2017). A memória sob a perspectiva da experiência. *Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social*, 9(16), 174–196. Recuperado de <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/6055>

Achilles, D., & Aparecida Pereira Rocha, J. (2025). Um olhar para a comunidade de práticas em bibliotecas públicas pelas lentes das práticas informacionais. *Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação*, 21, 1–20. Recuperado de <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1998>.

Angerami-Camon, Valdemar A. (1990). Solidão: a ausência do outro. Pioneira.

Benjamin, Walter (2012). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. Brasiliense (p. 213-240.).

Cox, Andrew M. (2012). An exploration of the practice approach and its place in information

science. *Journal of Information Science* (p. 176-188), v. 38, n. 2.

Deleuze, Gilles (1999). O Bergsonismo. Editora 34.

Deleuze, Gilles (1997). A imanência: uma vida. Em: Vasconcellos, J.; Rocha Fragoso, E. (Orgs.). Gilles Deleuze: Imagens de um filósofo da imanência. Ed. UEL.

Deleuze, Gilles (2006). Diferença e Repetição. Editora Graal.

Deleuze, Gilles, Guattari, Félix (2010). O que é filosofia. Editora 34.

Freud, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. Imago [2006].

Gandra, Tatiane Krempser (2017). Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

Gondar, Jô (2005). Cinco proposições sobre memória social. *Revista Morpheus: estudos Interdisciplinares em memória social*, Rio de Janeiro, 9 (15), 19-40.

Han, Byung-Chul (2023). A crise da narração. Editora Vozes.

Harlan, Mary Ann (2012). Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences - a Grounded Theory study. 2012. 232f. Thesis (Doctor of Philosophy) – School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology.

Isah, Esther Ebole (2012). Physicians' information practices: a case study of a medical team at a Teaching Hospital. 2012. 453 f. Thesis (Doctor of Philosophy in Library and Information Science) – Swedish School of Library and Information Science, University of Borås.

Lave, Jean (1998). *Cognition in Practice: mind, mathematics, and culture in everyday life*. Cambridge Univ.

Lave, Jean; Wenger, Etienne (1991). *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge University Press.

Melo, Danilo Augusto Santos (2015). A memória entre o caos e a reconção: considerações sobre arte e criação na filosofia de Gilles Deleuze. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**. 8(2), 73-85.

Meihs, José Carlos Sebe B., Seawright, Leandro (2021). *Memórias e narrativas: história oral aplicada*, Editora Contexto.

Oldenburg, Ray (1999). *The Great Good Place: Cafés, Coffee Shops, Bookstores, Bars, Hair Salons, and Other Hangouts at the Heart of a Community*. Marlowe.

Santos, Joyce Duailibe Laignier Barbosa; Gregório, Stéfanie Rhoden; Rosa, Carlos Mendes (2021). A solidão na contemporaneidade: uma reflexão sobre as relações sociais. **Percursos**, 22 (49).

Savolainen, Reijo (1995). Everyday life information seeking approaching information seeking in the context of "way of life". *Library & Information Science Research*, Amsterdam, 17(3), 259-294.

Savolainen, Reijo (2007). Information behavior and information practice: reviewing the "umbrella concepts" of information-seeking studies. *Library Quarterly*, 77(2), 109-132.

Silva, Renata Oliveira de; Achilles, Daniele; Sabbag, Deise Maria Antonio (2022). Biblioteca pública como lugar de si e do outro: lugar antropológico ou não lugar? *Palavra* *Clave, La Plata*, 11, (2), e158.

Snyder, William M.; Wenger, Etienne; Sousa Briggs, Xavier (2003). *Communities of practice*

in government: leveraging knowledge for performance. *The publicmanage*, 32(4), 17-21.

Tanus, Gabrielle Francinne de S. C.; Berti, Ilmar Christina Lanson Wey; Rocha, Janicy Aparecida Pereira. Em cena os usuários e os sujeitos informacionais: um olhar para os estudos de usuários e para as práticas informacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 146-166, 2022.

Silva, Renata O. A Biblioteca como terceiro lugar e valor social: uma análise teórica sobre a função social da biblioteca pública (2024). Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Wenger, Etienne (2010). *Communities of practice and social learning systems: the career of a concept*. In: BLACKMORE, C. *Social learning systems and communities of practice*. Springer.

Wenger, Etienne (2002). *Cultivating communities of practice: a quick start-up guide for communities of practice*.

